



### Editorial

## Conversa com Dr. Armando Guedes Coelho

O SIQUIRJ teve o privilégio de receber o Dr. Armando Guedes Coelho, Ex-Presidente da Petrobrás para uma conversa com a sua diretoria sobre "A situação atual da Petrobrás e as perspectivas para o futuro". O encontro foi muito importante para o setor químico fluminense construir cenários mais realistas para embasarem seus planos de crescimento e novos investimentos.

Na conversa, informal e pragmática, porém densa em conteúdo técnico, Dr. Armando comentou que a situação financeira da Petrobrás não é confortável, mas que a empresa tem quadros experientes, que certamente equacionarão o problema. Alertou que conforme o atual marco regulatório, nos campos do pré-sal, a Petrobrás terá que participar como operadora de todos os blocos licitados, no mínimo com 30%. Assim, quanto mais leilões ocorrerem, maiores as complicações nas finanças. Há que se engendrar uma forma de se realizar estes leilões, flexibilizando a participação da empresa.



Quanto ao gás natural para a indústria, Dr. Armando entende que dificilmente o preço do gás da camada pré-sal, chegará ao continente nos níveis praticados nos EUA. O motivo é que as condições de exploração na costa brasileira são muito complexas e onerosas, assim como a logística de distribuição do gás no continente também terá um custo mais elevado do que o americano. Nestas condições, o preço do gás no Brasil será, necessariamente, mais elevado que nos EUA.

O SIQUIRJ renova seus agradecimentos pela generosidade do Dr. Armando, que se dispôs a partilhar sua competência profissional com os empresários do setor químico fluminense.

## Uma política industrial ampla e de longo prazo

A inflação dá sinais de desaceleração e a produção industrial de crescimento, esta alta é a maior desde março de 2010, quando a produção da indústria brasileira cresceu 3,4%. Os indicadores de 2013 certamente serão muito bons porque a base da comparação é um período estagnado. Boas perspectivas a frente, mas serão suficientes para estimular o investimento?

O Governo anunciou a desoneração de impostos para os produtos que compõem a cesta básica, a medida é socialmente inclusiva, embora com forte viés eleitoreiro. Dito isto, o fato é que o consumo de alguns produtos aumentará. Entretanto ancorar o crescimento da nossa economia na expansão do consumo é uma estratégia esgotada. A solução está do lado da oferta, temos que ampliar o investimento para continuarmos aumentando as vagas de empregos e a distribuição de renda.

A nossa indústria está perdendo o fôlego, não investe. Há consenso sobre algumas causas: tributação complexa e elevada, insegurança devido ao intervencionismo governamental, falta de infraestrutura para se escoar a produção, etc. E falta um plano robusto e abrangente para a indústria, que considere ações específicas, como a desoneração da folha de pagamentos, mas que, simultaneamente, proponha uma estratégia - ampla e de longo prazo - para o desenvolvimento industrial.

O Brasil necessita uma política industrial moderna, que alinhe nosso parque industrial às novas realidades do mercado global. O Governo tem que trabalhar com um horizonte ultrapasse os próximos mandatos presidenciais, conciliando a política com a competência e continuidade gerencial.



SIQUIRJ

DIRETORIA PLENA - Triênio 2010/2013

**Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro**

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar  
Centro - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 20030-070

Tel.: (21) 2220-8424

e-mail: [siquirj@siquirj.com.br](mailto:siquirj@siquirj.com.br)  
home page: [www.siquirj.com.br](http://www.siquirj.com.br)

Isaac Plachta - **Presidente**

Antonio Berdge Kessedjian  
Bernardo da Costa Monteiro de Mello  
Carlos Mariani Bittencourt  
Carlos Oliveira Cruz  
Carlos Roberto da Silva  
Celso da Silva Bueno  
Edson Kleiber de Castilho  
Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira  
Flavio Costa Abreu  
Fernando Musa

Gilson Luiz Maurity Santos  
Lenilson Marcelo Bezerra  
Manoel Moysés Zauberman  
Marjorie Arias  
Nélio Augusto Manhães Rodrigues  
Nicolau Pires Lages  
Paul Antoine Maron Gédéon  
Renato Helio Faraco Filho  
Rubens Eduardo Medeiros Novicki  
Rubens Muniz

(Relação em Ordem Alfabética)

Importantes projetos químicos e petroquímicos nacionais estão parados. Os elevados custos de produção têm levado as indústrias do setor a se desfazer de ativos, fechar unidades produtoras e até adiar investimentos. O principal projeto anunciado - o Comperj - foi empurrado para 2014. Para piorar o cenário, tradicionais empresas químicas do país, como a Unigel, decidiram paralisar unidades. Um levantamento feito pelo Valor mostra que pelo menos US\$ 8 bilhões em projetos estão engavetados.

Segundo a Abiquim, o maior problema são os altos custos do gás natural e da nafta no país. Os custos de produção no país são, em média, 25% mais altos do que na Ásia e nos Estados Unidos, por exemplo. E são dos países asiáticos o maior volume importado de transformados plásticos. Em 2012, a balança comercial do setor encerrou com déficit recorde de US\$ 28,1 bilhões. A expectativa para este ano

não é nada otimista: o rombo deverá superar os US\$ 30 bilhões.

Considerada a nova tendência do setor, a produção de plástico "verde" no Brasil, também está congelada. A Braskem, a pioneira nessa empreitada, deixou em "stand-by" duas fábricas com a mesma finalidade - uma de polipropileno e sua segunda unidade de polietileno. A americana Dow Chemical e a japonesa Mitsui, que são sócias no complexo de Santa Vitória, em Minas Gerais, anunciaram no início deste ano que paralisaram as obras. Avaliado pelo mercado em US\$ 1,5 bilhão, esse complexo teve sua primeira fase, que contempla o cultivo de cana em uma área de 20 mil hectares, concluída. Mas a segunda etapa, que prevê a implementação da indústria, está parada, por conta do aumento dos custos dessas obras.

Fonte: Valor

A Braskem, maior petroquímica das Américas, levará operações de negociação de nafta para a capital da Áustria, com objetivo de ficar mais próxima de fornecedores da Europa e do norte da África.

Atualmente, a equipe está em São Paulo e no Estado do Rio Grande do Sul. A mudança para Viena não implica em alteração dos fornecedores de nafta -- principal matéria-prima da indústria petroquímica-- para a companhia.

Cerca de 70 por cento da nafta usada pela Braskem é fornecida pela Petrobras. O restante da matéria-prima vem da região do Mediterrâneo, principalmente do norte da África, além de Venezuela, Argentina e, em menor quantidade, do México.

Segundo a companhia cerca de 3 milhões de toneladas de nafta são compradas por ano da região do Mediterrâneo. O que resulta em uma compra da ordem de 2,8 bilhões de dólares por ano. A mudança ocorrerá neste semestre e permitirá que a equipe de negociação de nafta trabalhe no mesmo fuso-horário de fornecedores, facilitando o acompanhamento do mercado.

Fonte: Jornal do Commercio

## Setor industrial tem avanço de 2,5%

Depois de muito sufoco enfrentado em 2012, a indústria mostrou os primeiros sinais de retomada no mês de janeiro. O setor apresentou avanço de 2,5% frente a dezembro, com a maior taxa em 34 meses. Se comparado com o mesmo período do ano passado, significa uma alta de 5,7%, de acordo com uma matéria do Correio Braziliense. Mesmo com números bons, ainda seria cedo para avaliar que a indústria tenha retomado, de acordo com analistas, principalmente por causa da concorrência que é crescente com os importados e com a baixa produtividade da mão de obra e das fábricas.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que o crescimento alcançou a maioria dos ramos industriais, com 18 dos 27 segmentos pesquisados, em expansão. Para o governo, um alívio. Parte disso porque a fabricação de bens de capital cresceu de forma expressiva. E isso pode significar mais investimentos, o que o Palácio do Planalto deseja estimular para diminuir a inflação e incentivar o Produto Interno Bruto (PIB). O segmento teve alta registrada de 17,3% se comparado com janeiro de 2012.

Fonte: Valor

## Térmicas podem ficar ligadas o ano todo

Os reservatórios das hidrelétricas do Subsistema Sudeste/Centro-Oeste, onde se localizam 70% dos reservatórios de água do país, estão com 49,9% de sua capacidade máxima, de acordo com o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). O percentual é considerado baixo, já que estamos no final do período chuvoso e, nessa época, os reservatórios costumam chegar a níveis mais elevados. Em março do ano passado, por exemplo, o nível dos reservatórios dessas regiões estava em 78,5%. Em 2011, era 83% e, em 2010, 82,9%.

Por causa do baixo nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas registrado nos últimos meses, o governo teve que acionar as usinas termelétricas movidas a gás natural, óleo diesel, carvão ou biomassa, que produzem energia mais cara e são mais poluentes. Atualmente, cerca de 15 mil megawatts de energia térmica estão acionados. A decisão sobre o desligamento das térmicas deve ser tomada pelo Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) em abril.

Fonte: Ambiente Brasil

## Consumo de polietileno impulsiona demanda por resina

O consumo doméstico de polipropileno (PP) e polietilenos (PE) foi o principal responsável pelo aumento da demanda local por resinas termoplásticas em 2012, aponta levantamento divulgado nesta segunda-feira pela Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). O consumo aparente nacional (CAN) nos dois segmentos cresceu 4,5% e 3,5% em relação ao ano anterior, respectivamente. O CAN do País, incluindo todos os tipos de termoplásticos, cresceu 1,7%, praticamente recuperando a retração de 1,3% registrada no ano anterior.

O consumo de polipropileno totalizou 1,473 milhão de toneladas no ano passado e o de polietilenos, 2,319 milhões de toneladas. Os dois segmentos responderam por quase 65% do CAN total do País, que ficou em 5,893 milhões de toneladas no ano.

Em contrapartida à alta da

demanda nos segmentos de PP e PE, a indústria brasileira amargou uma queda de 1,1% no consumo de PVC, 15,3% no consumo de EVA e 4,9% em PET, grau garrafa. Esses segmentos explicam a alta inferior a 2% registrada pelo indicador no ano. No segmento de poliestireno, o consumo cresceu 1,3% em 2012. O consumo per capita de resinas termoplásticas no Brasil ficou em 30 quilos por habitante em 2012, levemente acima de marca de 29,7 quilos do ano anterior.

No segmento de polipropileno, a produção cresceu 5,2% e somou 1,646 milhão de toneladas. As importações encolheram 9,2%, para 242,6 mil toneladas, e as exportações caíram 1,5%, para 415,3 mil toneladas. Ambos os segmentos têm a Braskem como única fornecedora instalada em território brasileiro.

Fonte: Jornal do Commercio